

“Uma incursão estranha”: a história oral na UFSC e as entrevistas de Simão Willemann (década de 1970)¹

“A strange incursion”: the Oral History at UFSC and the Simão Willemann’s interviews (decade of 1970)

Karla Simone Willemann Schütz²

Resumo: Este artigo examina aspectos da criação e da trajetória do Laboratório de História Oral da UFSC e busca mapear algumas das prerrogativas e pressupostos que regeram o estabelecimento desta iniciativa pioneira no Brasil. Pretende-se, assim, compreender o vínculo existente entre este empreendimento e a pesquisa e entrevistas do historiador Simão Willemann ali desenvolvidas durante a década de 1970. Para tanto, são tomadas como guias teórico-metodológicos publicações brasileiras acerca da história oral editadas no país entre a década de 1970 e 1990.

Palavras-chave: História oral, UFSC, Simão Willemann

Abstract: This article examines aspects of the creation and trajectory of the UFSC Oral History Laboratory and seeks to map some of the prerogatives and assumptions that governed the establishment of this pioneering initiative in Brazil. The aim is to understand the link between this enterprise and the research and interviews of the historian Simão Willemann, developed in this space during the 1970s. For this, Brazilian publications on oral history published between the 1970s and 1990s are taken as theoretical-methodological guides. **Keywords:** Oral history, UFSC, Simão Willemann.

Introdução

Outubro de 1975: é divulgada no *Boletim de Pessoal*, publicação institucional editada pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, a abertura das portas do Programa de Pós-graduação em História dessa mesma instituição³, ato que se constituía como desdobramento do Curso de Especialização em História que já operava desde 1974. Dentre as inúmeras iniciativas desse programa recém-inaugurado, uma em especial chama atenção: a criação de um Laboratório de História Oral. Encabeçaram, naquele momento, tal projeto Walter Piazza, então professor do Departamento de História da UFSC, e Carlos Humberto Pederneiras Corrêa, historiador, que orientado por Piazza defendeu a primeira dissertação desse mesmo programa (CORRÊA, 1977), que depois em 1978, editada em forma de livro, se firmaria como um dos primeiros manuais voltados à “técnica”⁴ da história oral.

¹Este artigo é fruto da dissertação de mestrado *Lembranças revisitadas: o Laboratório de História Oral da UFSC e as entrevistas de Simão Willemann – memória e História Oral em Santa Catarina (1975 – 2013)*, defendida em 2015 no Programa de Pós- Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina.

²Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina. E-mail: karlawuschutz@gmail.com

³ *Boletim de Pessoal*. Florianópolis: UFSC. Jun. 1974, p.19.

⁴ Ao longo do trabalho a definição “técnica” de história oral será utilizada em detrimento da definição “metodologia” da história oral, mais difundida atualmente neste campo, pois se crê, como se verá a seguir, que tal expressão corresponde melhor aos significados atribuídos a ela por parte desses primeiros pesquisadores que dessas fontes se utilizaram.

Tanto o projeto de criação de um laboratório que lidasse com fontes orais quanto a defesa de um trabalho que buscou fornecer bases para que outros pesquisadores pudessem utilizar essas “novas” fontes eram, naquele momento, iniciativas pioneiras dentro da própria historiografia brasileira. Tal empreendimento, por conseguinte, podia gerar desconfiança por parte de historiadores com elas – as fontes orais – pouco habituados. Assim afirmam as próprias palavras do historiador catarinense Walter Piazza na apresentação do livro de Carlos Humberto Corrêa, *História Oral: Teoria e Técnica*:

Para aqueles que são arraigadamente “clássicos” na aplicação da metodologia da pesquisa histórica, o aparecimento de uma obra como esta “História Oral – Teoria e técnica”, verdadeiro manual básico, induzindo a utilização de uma técnica nova na pesquisa histórica, poderá parecer uma incursão estranha e inadequada no labor histórico (PIAZZA, 1978, p. 9).

Nesse novo horizonte de possibilidades para a pesquisa histórica são chamados a participar também os próprios alunos do programa recém-inaugurado. O historiador catarinense Simão Willemann fazia parte desse grupo e foi, como discente, convidado a utilizar essa nova técnica. Durante os anos de 1977 e 1978 ele recolheu catorze entrevistas que serviriam como fontes para a tessitura de sua dissertação de mestrado.

Assim, o percurso teórico e metodológico traçado com o objetivo de tentar mapear e compreender o *locus* acadêmico no qual as fontes orais produzidas por Willemann foram confeccionadas perpassa principalmente algumas das obras mais disseminadas no Brasil acerca da história oral: Camargo (1990), Ferreira (1994; 1996; 2002), Amado (1995), Alberti (1990) e Sebe Bom Meihy (1990; 1996; 1998). Tais publicações, todas de autores brasileiros, são em certa medida fontes, mas também guias teóricos que fornecem subsídios para pensar os pressupostos que regiam a inserção e o desenvolvimento deste campo no Brasil. Tomando essas obras como referências, primeiro foram buscadas em diversas publicações concebidas no Departamento de História e na Pós-Graduação em História da UFSC quais seriam as concepções acerca das fontes orais e quais os possíveis usos dessa documentação em trabalhos historiográficos. Num segundo momento, mapeadas essas “diretrizes”, a análise se centrou não propriamente no conteúdo das entrevistas de Simão Willemann, mas cruzando-as com outros documentos do acervo desse historiador analisou-se a maneira como elas se constituíram como fontes. Sendo assim, entende-se que os depoimentos coletados, bem como os outros materiais elaborados por Willemann enquanto aluno (projeto de pesquisa, anotações de pesquisa e documentos correlatos), são produtos de certo momento da pesquisa histórica em Santa Catarina que hoje propõem um estranhamento. Portanto, é a partir dele, ou seja, da

possibilidade de lançar sobre esses objetos um olhar crítico e histórico, que se desenrolaram as questões aqui apresentadas.

Um campo a se constituir

Para que seja possível situar a iniciativa desenvolvida na UFSC na década de 1970 é preciso traçar um esboço, porém sem minúcias, de como se desenrolaram outros empreendimentos do campo da história oral no Brasil, e onde o Laboratório assentado em Santa Catarina se colocou nesse cenário.

Algumas são as tentativas de historicização do percurso seguido pela área da história oral no país, uma missão difícil e que denota “marcos inaugurais” diferenciados. Nessa lista destacam-se aqui os, já citados, trabalhos de Aspásia Camargo (1990), Marieta de Moraes Ferreira (1994; 1996; 2002), Janaína Amado (1995), Verena Alberti (1990) e José Carlos Sebe Bom Meihy (1990; 1996; 1998) – os dois últimos autores de manuais de história oral de grande circulação nacional.

Vale ressaltar que é rara a existência de publicações anteriores à década de 1990 que buscam traçar essa trajetória, sendo uma exceção importante a própria dissertação de Carlos Humberto Pederneiras Côrrea. Em relação à historicização desse campo em Santa Catarina os trabalhos são escassos, tendo sido mapeados apenas dois, com a ressalva da dissertação de mestrado da qual o presente artigo é fruto. O primeiro deles é um pequeno artigo, *LABHORAL: trajetória, contribuição e projetos* de Mariana Cristina Silva, publicado em 2011 na *Revista Santa Catarina em História*, no qual aparecem informações básicas acerca da trajetória do Laboratório. Já o segundo, a tese *Método, metodologia, campo: A trajetória intelectual e institucional da história oral no Brasil* de Ricardo Santhiago, defendida na Universidade de São Paulo em 2013, é um trabalho de maior fôlego que, como explicita o próprio título, busca dar conta dos trajetos percorridos pela história oral no país.⁵

De uma maneira geral, a partir dos autores acima destacados, não seria exagero afirmar que é quase unanimidade, entre estes textos que se dedicam a pensar a trajetória da história oral brasileira, dividir esse percurso em duas fases distintas. A primeira fase teria se

⁵Infelizmente, a tese de Santhiago não está disponível para consulta (segundo correspondência com o autor ela está em processo de edição para posterior publicação), portanto, não é possível especificar que aspectos do empreendimento desenvolvido na UFSC esse pesquisador aborda. No entanto, é possível conjecturar a existência de uma discussão acerca desse fato, devido à entrevista que Santhiago publicou na Revista História Oral que tem como interlocutor Carlos Humberto P. Corrêa. Disponível em: <<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=530>> Acesso em: 8 fev. 2017.

iniciado, de fato, a partir da década de 1970⁶; e a segunda a partir da década de 1990, pois é entendida dentro das obras que abordam a questão como um período de renovação e crescimento desse campo no Brasil (AMADO; FERREIRA, 2006, p. ix; MEIHY, 1996, p. 9). Perpassadas por sujeitos e intenções diferentes, essas duas fases remetem também às transformações sentidas da mesma forma em diversos outros campos da pesquisa histórica.

Entre esses debates e transformações, pode ser incluída a concepção da história oral como uma “metodologia” – entendimento predominante atualmente – e não uma “técnica”. Discussão que se desenvolve a partir da década de 1990 e que promove uma renovação no olhar crítico lançado a estas fontes. Envolvidos nesta “querela” estariam aqueles que entendem a história oral como uma “técnica”, relacionando-a, portanto, a um método restrito ao registro e armazenamento de fontes, e aqueles que a concebem como uma “metodologia”, pois entendem que para além da coleta destes depoimentos há também um processo de problematização e produção de conhecimento histórico que, no entanto, exige o estabelecimento de pontes entre a teoria e prática. Ou seja, o documento em si nada diz ao historiador, é por meio de teorias e da crítica documental que estes discursos se transformam em fonte nas mais diversas abordagens históricas. Haveria, ainda, uma terceira vertente que advoga para a história oral um domínio disciplinar autônomo, alegando que esse campo possui técnicas específicas de pesquisa e um conjunto próprio de conceitos que tornariam possível solucionar os questionamentos suscitados por esta documentação, não dependendo, assim, de outras áreas de estudo para viabilizar a crítica e operacionalização destas falas na produção de conhecimento (AMADO, FERREIRA, 1995, *passim*).

No que aqui é entendido como a “primeira fase” da história oral brasileira, cabe destacar destarte o papel da Fundação Ford na expansão das ciências sociais no país⁷. Tal instituição, segundo Ferreira, durante os anos 1970 unia esforços para a “articulação de um grupo que pudesse criar uma infraestrutura de documentação para a pesquisa na área de Ciências Sociais no Brasil”, que teve início “a partir de uma reunião entre especialistas em biblioteca e documentação e cientistas sociais da Fundação Getúlio Vargas.” (FERREIRA, 1996, p.11).

⁶De acordo com Santhiago (2011), Isaura Pereira de Queiroz, socióloga vinculada à USP, ainda na década de 1950, incentivada pelo também sociólogo Roger Bastide, entrevistou uma mulher negra para pesquisa que o próprio Bastide realizava conjuntamente a Florestan Fernandes na USP. Segundo o autor, esse episódio, junto a outros indícios por ele apresentados em sua tese, legariam a Queiroz o pioneirismo dentro do campo da história oral no Brasil. Lamentavelmente, mais uma vez, a impossibilidade de consulta à tese não permite que sejam aqui exploradas tais razões por ele apresentadas. Portanto, as iniciativas no presente artigo consideradas como “pioneiras” se dão, pois se entende que esses lugares promoveram ações sistemáticas no sentido de estabelecer acervos de entrevistas, compreendidas naquele momento como um novo tipo de documentação para a História.

⁷Segundo Figueiredo (1988, p. 38), a Fundação Ford, como também a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), foram responsáveis pelo maior montante dentre os investimentos que tornaram possível o desenvolvimento e o alargamento do campo das Ciências Sociais brasileiras, sobretudo durante as décadas de 1960, 1970 e 1980.

Entre essas primeiras iniciativas voltadas para a consolidação dos estudos no campo das Ciências Sociais alavancados pela Fundação Ford, estava a organização do Grupo de Documentação em Ciências Sociais (GDSCS), que contava principalmente com a coordenação das seguintes instituições: Biblioteca Nacional, Arquivo Nacional, Fundação Getúlio Vargas e Fundação Casa de Rui Barbosa – essa última entrando no grupo em 1976, em substituição ao Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD). Dentro desse grupo, por sua vez, aparece o objeto que nos interessa observar: o Subgrupo de História Oral, que tinha como membros o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) – que também o coordenava –, a Universidade Federal Fluminense, a Universidade de Brasília, a Universidade Federal de Santa Catarina e o Centro de Memória Social Brasileira (com sede no Conjunto Universitário Cândido Mendes) (FERREIRA, 1996, *passim*).

Como primeira atividade do grupo emerge a realização do I Curso de História Oral, sediado pelo CPDOC e patrocinado pela Fundação Ford e pela CAPES. Os professores integrantes do curso, por sua vez, eram os norte-americanos James Wilkie, Edna Wilkie e George P. Browne – historiador que também aparece como pesquisador na UFSC –, além da mexicana Eugenia Meyer, representante do *Archivo de la Palabra*, do Instituto Nacional de Antropologia e História do México. O curso tinha como base o Programa de História Oral da Universidade de Columbia, espaço de referência e, dentro da historiografia que versa sobre o tema, de pioneirismo reconhecido para a história oral em âmbito internacional (FERREIRA, 1996, *passim*).

Como se verá a seguir, a iniciativa que se desenvolveu na UFSC não estava isolada e, portanto, fundamentava-se em bases teóricas que alicerçaram outras instituições e grupos que seguiram pelos caminhos da história oral naquele momento. Aqui, em especial, aparece mais expressivamente uma vertente da história oral que se constituiu nos EUA: caracterizada, *grosso modo*, pela coleta e formação de grandes acervos com entrevistas orais que, em alguns casos, não eram produzidas para o desenvolvimento de pesquisas específicas, mas para salvaguardar depoimentos de determinados personagens (JOUTARD, 1995, *passim*).

Nesse sentido, vale ressaltar que, num panorama ampliado, naquele momento, podiam ser detectadas outras vertentes que se propunham pensar o campo da história oral, suas teorias e práticas. Para além da corrente desenvolvida nos EUA acima caracterizada, que estaria mais próxima aos estudos da ciência política, haveria outra corrente desenvolvida, sobretudo, na Europa e que, por sua vez, se aproximaria da antropologia. Essa corrente interpretava as entrevistas como documentos em si, então, seguindo este entendimento, seria possível tanto “ouvir as vozes” de grupos à margem da história escrita, quanto perceber a constituição de

identidades em diferentes comunidades, espacialidades e temporalidades (JOUTARD, 2006, passim).

Em relação ao Laboratório desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em História da UFSC pode-se também dividir sua trajetória em dois momentos distintos: o primeiro, entre 1975 e 1991, quando esteve à frente do Laboratório o Professor Carlos Humberto Corrêa; e o segundo que se inicia em 1998, após um período de sete anos sem coordenação, sob a coordenação de Marcos Vinícios de Almeida Saul, que lá permaneceu até 2003, quando o cargo foi passado às mãos de Liane Maria Nagel, a qual vem desenvolvendo essa atividade até os dias atuais.

No entanto, é necessário destacar que o interesse aqui se volta para a reflexão em torno do desenvolvimento deste “primeiro momento” do Laboratório. Nesse sentido, não foi surpreendente perceber que as orientações teóricas que regiam o programa de história oral estabelecido na UFSC eram similares àquelas disseminadas por alguns dos primeiros ministrantes estrangeiros que vieram ao Brasil instruir os pesquisadores daqui acerca da “nova técnica”. A história oral naquele momento sugeria ser, sobretudo, uma “técnica de coleta e utilização de dados primários que toma seu lugar junto à quantificação, à análise psicológica de fontes” (BROWNE, PIAZZA, 1975, p.925).

Com o intuito de refletir acerca desses rumos tomados por historiadores vinculados à UFSC, é pertinente observar o que aparece em algumas publicações por eles produzidas em relação à história oral e ao laboratório recém-fundado. São trabalhos que fornecem indícios interessantes acerca dos pressupostos abraçados por esses pesquisadores e que vão reverberar no próprio processo de pesquisa de Simão Willemann.

Quanto à dissertação produzida por Carlos Humberto Corrêa – e, também, ao manual no qual ela foi transformada e lançada em 1978 –, observa-se que o contato entre o Programa de Pós-Graduação, o Departamento de História da UFSC e as fontes orais inicia no ano de 1974, ano anterior à efetiva institucionalização do Laboratório de História Oral. Foi então que, em 1974, no Programa de Especialização em História da UFSC, George P. Browne ministrou aulas sobre o que eram nomeadas *Técnicas da História Oral*, um dos tópicos desenvolvidos junto à disciplina *Metodologia da Pesquisa Histórica*⁸.

Tal disciplina, de acordo com o primeiro *Catálogo de Entrevistas*, lançado em 1977, parece ter sido a porta de entrada para a implantação do Laboratório, em 1975, após a participação de Corrêa no *Curso Intensivo de História Oral*, realizado junto à Fundação

⁸Muitas das produções advindas desse primeiro contato com a “técnica” podem ser visualizadas no *Catálogo de Entrevistas*, também editado por Corrêa, em 1977.

Getúlio Vargas no Rio de Janeiro (CORRÊA, 1977, p.19). Foi neste mesmo ano, 1975, que Piazza, juntamente com Browne, divulga, no VIII Simpósio Nacional de Professores Universitários de História, a comunicação *Documentação em História Oral*. Como aparece já nas primeiras linhas da publicação, o objetivo do trabalho era “servir de rápida introdução à História Oral [...] e sugerir possíveis utilizações desta técnica em apoio ao ensino da História em nível universitário.” Para além de um “preenchimento de lacunas”, a história oral, para os dois, oferecia “múltiplas aplicações” e a oportunidade de observar diferentes visões do passado, trazendo com isso reflexões mais profundas que as “fontes tradicionais” (BROWNE; PIAZZA, 1976, passim). Na comunicação, o Programa de História Oral ainda aparece atrelado a um projeto de maior extensão, o Programa Departamental de Pesquisa Histórica. É relatado também um possível contato com a Universidade de Columbia (EUA), “para um convênio de cooperação técnica recíproca” (BROWNE; PIAZZA, 1976, p.930). Apresentada de maneira bastante introdutória e didática, a “técnica” de história oral para estes pesquisadores era colocada como uma alternativa pela qual o ensino e a pesquisa histórica poderiam se dinamizar, ganhando novos caminhos para explorar. Nessa perspectiva, pode-se conjecturar que a iniciativa de divulgação do programa de história oral num evento de caráter nacional também se coloca como meio de promoção do mestrado em história recém-implantado na UFSC.

Já o pequeno histórico do Laboratório que é apresentado logo ao início do catálogo de 1977 é pertinente para visualizar um pouco das intenções que guiavam as ações que ali foram e ainda seriam realizadas: “levantar o máximo possível de memórias gravadas, através de técnica própria, memórias de pessoas que, por suas vivências e origens oferecessem experiências que servissem como base documental para o estudo da colonização estrangeira” (CORRÊA, 1977, p. 20), bem como para uma “revisão da história política republicana” (CORRÊA, 1977, p. 21). De acordo com Corrêa, tarefa de difícil realização, pois, devido à destruição ou desaparecimento, havia grande escassez de documentação escrita que servisse ao tema. Importante notar que, à época, a fonte oral tinha “valor para pesquisa histórica” quando complementasse “a documentação escrita” (CORRÊA, 1977, p. 22). A presença dos historiadores James Wilkie e Eugenia Meyer também é percebida no *Catálogo*, sendo até mesmo mencionada.

Por fim, Corrêa destaca que, para além da utilização em pesquisas acerca da colonização e desenvolvimento político do estado⁹, as entrevistas que estavam a ser recolhidas, transcritas e disponibilizadas à consulta teriam uma função que se projetava para o futuro, quando essas seriam especialmente úteis para pesquisas. Um indício significativo para pensar, inclusive, uma persistência da crença no necessário distanciamento temporal do historiador com seu objeto de pesquisa e a importância da imparcialidade do pesquisador.

Pouco depois da fundação do Laboratório de História Oral, outro projeto no campo da história oral teve início em Santa Catarina, também tendo como ponto de partida a UFSC. Isso é o que indicam duas outras publicações um pouco posteriores: o *Catálogo de Entrevistas* de 1980¹⁰ e um texto de Walter Piazza publicado em 1982, no primeiro volume da *Revista Ciências Humanas* (PIAZZA, 1982).

No texto de introdução do *Catálogo de Entrevistas* de 1980, o historiador Walter Piazza afirma, em tom orgulhoso:

chega-se a 1980, com uma grande vitória de um trabalho de equipe, realizado com pertinência, humildemente como devem ser os trabalhos verdadeiramente científicos. A Organização dos Estados Americanos, diante das credenciais apresentadas, subsidia o Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, a fim de que estructure e execute o treinamento de pessoal para Centros Regionais de História Oral (PIAZZA, 1980, p. 9).

Foi dentro desses projetos maiores que se desenvolveram iniciativas como o Programa de História Oral, contando “com uma grande massa de entrevistas efetuadas, com dados da maior relevância para o estudo da história recente do país e da região”. O sucesso do Programa, como coloca Piazza, previa também o financiamento por parte da Organização dos Estados Americanos (OEA), para que fosse executado em Santa Catarina e Rio Grande do Sul um projeto piloto que previa a instalação de centros regionais voltados à coleta e armazenamento de fontes orais (PIAZZA, 1982, p. 104). Tais Centros Regionais de História Oral estariam distribuídos por seis cidades catarinenses: Joinville, Jaraguá do Sul, Itajaí, Tubarão, Lages e Joaçaba, junto às Fundações Educacionais existentes. Ainda no que tange à pesquisa histórica no estado, são citadas outras iniciativas nas quais a UFSC estava envolvida, dentre essas estavam o Programa de História Demográfica, a indexação de documentação

⁹ No catálogo de 1977 ainda estão apontados dois projetos que eram desenvolvidos paralelamente pelo Laboratório de História Oral e que se relacionavam às temáticas privilegiadas pelas pesquisas: o “Projeto Geral” que se referia ao tema da colonização e o “Projeto Especial”, mais intimamente ligado às políticas do estado.

¹⁰Juntamente com Corrêa, outros dois historiadores foram responsáveis pela organização deste catálogo: Walter Fernando Piazza e Djanira de Andrade, ex-aluna do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC (ANDRADE; CORRÊA; PIAZZA, 1980).

histórica e o Plano Nacional de Microfilmagem de Periódicos Brasileiros (empreendimento em nível nacional).

Essas ações, vistas em conjunto, demonstram preocupação especial com a formação de arquivos que pudessem suprir a demanda das pesquisas de caráter histórico em Santa Catarina. De modo especial quando se leva em conta que o Programa de Pós-Graduação em História da UFSC acabava de ser instalado e precisava fomentar o crescimento do número de pesquisas, inclusive aquela empreendida por Simão Willemann.

Um pesquisador na década de 1970 e a história oral

Simão Willemann teve sua trajetória profissional marcada pela atuação como professor primário e de ensino fundamental. Os primeiros contatos desse historiador com a UFSC foram travados em 1976, quando realizou o Curso de Especialização em História¹¹. Após essa especialização, lecionou durante os anos de 1978 e 1982 na Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina, exercendo também durante este período a função de diretor geral no Colégio Estadual Nossa Senhora de Fátima, na cidade catarinense de Rio Fortuna, cargo que acabou por determinar o destino de suas pesquisas para adquirir o título de mestre em História¹².

Voltando ao panorama da UFSC, mostram os dados organizados pela historiadora Janice Gonçalves¹³ que no período entre 1978 e 1982 foram efetivadas vinte e sete defesas no Programa de Pós-Graduação, das quais treze utilizaram a história oral. Os temas tangenciavam principalmente a colonização estrangeira e o desenvolvimento político de Santa Catarina nas suas diversas regiões. Nessa perspectiva caminhava a pesquisa realizada por Willemann, que, como se verá, enquadrava-se dentro dos pressupostos e objetivos apresentados pelo laboratório naquele momento: primeiramente, na questão da ausência de fontes e a conseqüente necessidade de utilização das entrevistas, mas também na ligação com as temáticas preferencialmente abordadas, pois como menciona Corrêa no manual de 1978, “a história oral funciona principalmente quando são tratados assuntos regionais e contemporâneos”. Os objetos da pesquisa de Willemann eram a ele contemporâneos, mas percebe-se que se tratava, sobretudo, de uma questão “regional” (CORRÊA, 1978, p. 17),

¹¹Sua formação superior era na área de Filosofia.

¹²O historiador não pôde se tornar mestre, pois ao entrar na pós-graduação, não conseguiu liberação do cargo de diretor para prosseguir com seus estudos. A carta onde ele pede ao Secretário de Educação de Santa Catarina tal afastamento remunerado pode ser, inclusive, encontrada em meio ao seu acervo.

¹³Fichas organizadas pela pesquisadora Janice Gonçalves disponíveis em seu arquivo pessoal, relacionadas à tese *Sombrios umbrais a transpor: Arquivos e historiografia em Santa Catarina no século XX*, defendida no ano de 2006 na USP.

característica que aparece já no título do trabalho: *A educação da escola alemã no Vale do Braço do Norte*. Esse é um ponto importante, pois pelas diretrizes que marcam o período inicial do Centro de Documentação do Laboratório de História Oral na UFSC, o foco principal dos depoimentos seria a colonização estrangeira e a política dentro dos municípios. A pesquisa de Simão Willemann se encaixa exatamente dentro dos programas desenvolvidos, que previam “recolher material virgem para ser utilizado posteriormente”, voltado à colonização estrangeira.

Logo, o encontro de Willemann com a história oral se deu quando era pós-graduando em História, pois foi a partir das disciplinas cursadas na UFSC e da orientação¹⁴ para a configuração de seu projeto de pesquisa que o historiador se aproximou da técnica. Já em 1976, Simão, como aluno da Especialização em História, realizou uma entrevista oral tendo como tema a Revolução de 1930, como mostra o *Catálogo de Entrevistas* de 1977. No entanto, foi durante os anos de 1977 e 1978 que coletou as entrevistas que serviriam de fonte para a conclusão de seu projeto de pesquisa *A Educação na Escola Alemã no Vale do Braço do Norte no período de 1870 a 1930*. Durante o período supracitado, Willemann realizou catorze entrevistas com idosos da região do Vale do Rio Braço do Norte que permaneceram guardadas tanto em seu acervo pessoal quanto no acervo do próprio Laboratório de História Oral da UFSC.

No tocante ao projeto de pesquisa apresentado por Willemann ao Departamento de História da UFSC, nota-se que a base na qual está alicerçado remete ao campo da história oral constituído nos EUA. No projeto são encontradas somente referências bibliográficas que remetem especificamente ao tema escolhido por Simão, ou seja, o desenvolvimento de escolas étnicas no fim do século XIX e início do século XX. Contudo, no relatório que Willemann deveria apresentar para conclusão da disciplina *Metodologia da Pesquisa Histórica*, a qual culminaria na elaboração do projeto de pesquisa, figuram como referenciais alguns pesquisadores norte-americanos responsáveis pela disseminação da história oral no Brasil. Dentre eles, os norte americanos James e Edna Wilkie e a mexicana Eugenia Meyer, os mesmos que lá em 1975 foram responsáveis pelo I Curso de História Oral, que teve como sede o CPDOC.

Ainda aparecem nesse mesmo relatório elaborado pelo historiador outras duas bibliografias referentes à história oral: o livro *Oral History for the Local Historical Society*, de Willa K. Baum, norte-americano considerado um dos pioneiros no campo da história oral; e também o livro *Oral History in the United States*, editado por outro norte-americano Gary

¹⁴ Cabe salientar que Walter Piazza era orientador da investigação proposta por Willemann.

L. Shumway. A presença de George P. Browne também é notada, pois no meio do caderno de anotações de Willemann foi encontrado o “cartão de visitas” desse professor.

Dadas essas referências, percebe-se que esses primeiros estrangeiros que vieram difundir a história oral no território brasileiro se colocavam, de fato, como os principais “modelos” seguidos pelos historiadores que no Brasil utilizaram estas “novas” fontes, buscando com elas, além de elaborar trabalhos acadêmicos, constituir acervos os quais fomentariam a historiografia no futuro.

Voltando ao Projeto de Pesquisa de Willemann, identifica-se que a única referência direta a história oral se encontra no item denominado “Técnicas” e, curiosamente, não no item “Fontes”. Ele assim coloca,

sendo que o assunto do tema permite a utilização da história oral, tem-se como outro objetivo, aproveitar as técnicas de entrevista, procurando abordar pessoas que foram alunos das referidas escolas, professores que nelas lecionaram, ou ainda outras pessoas que por ventura tenham condições de dar mais esclarecimentos (WILLEMANN, 1976, p.5).

Juntamente com a utilização de métodos paleográficos e quantitativos, a história oral se colocava como mais uma maneira útil na busca por maior arcabouço de informações sobre o objeto de estudo. A perspectiva da história oral como “fonte de informação” é, de fato, muito forte na pesquisa de Simão, que recorreu às entrevistas por não encontrar outra documentação que pudesse suprir a demanda de seu projeto. Nesse sentido, a utilização de fontes orais não foi uma escolha deliberada, mas uma opção que surgiu pela necessidade.

Já nas entrevistas por ele recolhidas, é possível ainda perceber uma ligação entre a necessidade de evidências e a forma como essas entrevistas foram conduzidas. O historiador não parecia estar em busca das visões e impressões dos entrevistados sobre o tema por ele escolhido, mas, sim, estava à procura de informações bem pontuais acerca do estabelecimento e desenvolvimento dessas escolas étnicas, como os hábitos de alunos e professores ou características físicas dos espaços onde essas escolas estavam estabelecidas.

Pode-se dizer que na visão de Willemann e de Carlos Humberto Corrêa, a utilização das fontes orais é circunscrita pela sua limitação a uma fonte de informação. Tal concepção, todavia, não deve ser motivo para menosprezá-los, pois suas pesquisas devem ser inseridas na temporalidade histórica e destacadas como elementos importantes para um campo com desenvolvimento prematuro, como era o caso da história oral naquele momento.

À guisa de conclusão, vale salientar a visível adoção por parte de Willemann dos pressupostos que norteavam o estabelecimento do Programa de História Oral no

Departamento de História da UFSC. Muito do que é apresentado e indicado no manual de autoria de Corrêa pode ser identificado no projeto de pesquisa e nas entrevistas produzidas por Willemann. Sendo assim, não se pode negar que os indícios reunidos pela pesquisa que este historiador conseguiu iniciar se colocam como objetos pertinentes para pontuar as possibilidades que se abriam aos pesquisadores daquele momento no tocante ao uso das fontes orais.

Referências

- ALBERTI, Verena. *Manual de História oral*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1990.
- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos & abusos da História oral*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1995.
- ANDRADE, Djanira M. M.; CORRÊA, Carlos Humberto P.; PIAZZA, Walter F. *Catálogo de Entrevistas*. Florianópolis: UFSC, 1980.
- BAUM, Willa K. *Oral History for the Local Historical Society*. Stockton: Conference of California Historical Societies, 1969.
- BROWNE, George P.; PIAZZA, Walter F. Documentação em História oral. In: Simpósio Nacional de Professores Universitários de História, VIII, 1975, Aracaju. *Anais*. São Paulo: ANPUH, 1976. p. 925-934.
- CAMARGO, Aspásia. Introdução à primeira edição. In: ALBERTI, Verena. *Manual de História oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990. p.11-15.
- CORRÊA, Carlos Humberto P. *O documento de história oral como fonte histórica: uma experiência brasileira*. Florianópolis, 1977. 145 p. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina (Centro de Filosofia e Ciências Humanas).
- _____. *História oral: Teoria e Técnica*. Florianópolis: UFSC, 1978.
- _____. *Catálogo de Entrevistas*. Florianópolis: UFSC, 1977.
- FERREIRA, Marieta de M. (org). *História oral e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: FINEP/Diadorim, 1994.
- _____. História, Tempo Presente e História oral. *Topoi*, Rio de Janeiro, v.3, n.5, p.314-332, jul./dez. 2002.
- _____. História oral e tempo presente. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). (Re) *Introduzindo a História oral no Brasil*. São Paulo: USP, 1996. p. 11-21.
- FIGUEIREDO, Marcus F. O financiamento das Ciências Sociais: a estratégia de fomento da Fundação Ford e da Finep – 1966-1985. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, n. 26, p. 38-55, jul/dez, 1988.
- JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1995.
- MEIHY, José Carlos S. B. (Re) Introduzindo a História oral no Brasil. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). (Re) *Introduzindo a História oral no Brasil*. São Paulo: USP, 1996. p.1-10.

_____. *A colônia brasilianista: História oral de vida acadêmica*. São Paulo: Nova Stella, 1990.

_____. *Manual de História oral*. São Paulo: Loyola, 1998.

SANTHIAGO, Ricardo. 'If you know Portuguese you know what this is': O papel da tradução na história oral do Brasil. MAGALHÃES, Valéria Barbosa; SANTHIAGO, Ricardo (Org.). *Memória e diálogo: escutas da Zona Leste, visões sobre a história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

SHUMWAY, Gary L. *Oral History in the United States*. New York: Oral History Association, 1971.

SILVA, Mariana Cristina. LABHORAL: trajetória, contribuição e projetos. *Revista Santa Catarina em História*, Florianópolis, v.5, n.2, pp. 85-90, 2011.

PIAZZA, Walter F. A pesquisa histórica em Santa Catarina. *Revista Ciências Humanas*, Florianópolis, v. 1, n.1, p. 102-107, 1982.

_____. Apresentação. In: ANDRADE, Djanira M. M.; CORRÊA, Carlos Humberto P.; PIAZZA, Walter F. *Catálogo de Entrevistas*. Florianópolis: UFSC, 1980.

_____. Apresentação. In: CORRÊA, Carlos Humberto P. *História oral: Teoria e Técnica*. Florianópolis: UFSC, 1978.

WILLEMANN, Simão. *A Educação na Escola Alemã no Vale do Braço do Norte no período de 1870 a 1930*. Florianópolis, 1975, 15p. Trabalho não publicado.